



# I Semana Acadêmica do PPG Teologia da PUCRS

Antropologia Teológica | Eclesiologia | Teologia Fundamental | Teologia Bíblica

Agemir Bavaresco | Ludinei Marcos Vian | Rafael Martins Fernandes (Orgs.)



Este livro é o resultado de cinco pesquisas comunicadas na Semana Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Teologia 2018, realizada entre os dias 22 e 23 de outubro, no campus central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O objetivo do evento foi a promoção da reflexão teológica e a divulgação das pesquisas dos estudantes de Teologia da Graduação e da Pós-graduação desta egrégia Universidade. Os artigos são apresentados em forma de ensaios teológicos e reúnem diferentes temáticas. Os protagonistas são jovens teólogos entusiasmados por vislumbrar novos percursos de reflexão da fé. O que há em comum entre eles é o objetivo de aproximar teologia acadêmica e vida eclesial, reflexão crítica e empenho pela evangelização no mundo contemporâneo. As páginas a seguir comprovarão este entusiasmo aliado à capacidade de realização de reflexões sérias e pertinentes para o nosso contexto.



**I Semana Acadêmica do  
PPG Teologia da PUCRS**



# I Semana Acadêmica do PPG Teologia da PUCRS

Antropologia Teológica  
Eclesiologia  
Teologia Fundamental  
Teologia Bíblica

## **Organizadores:**

Agemir Bavaresco  
Ludinei Marcos Vian  
Rafael Martins Fernandes



**Diagramação:** Lucas Margoni

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

HAMEL, Marcio Renan (Org.)

I Semana Acadêmica do PPG Teologia da PUCRS [recurso eletrônico] / Agemir Bavaresco; Ludinei Marcos Vian; Rafael Martins Fernandes (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

90 p.

ISBN - 978-85-5696-538-7

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Teologia; 2. Antropologia; 3. Eclesiologia; 4. Teologia Fundamental; 5. Teologia Bíblica; I. Título.

---

CDD: 340

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia 200

## A Bíblia no catecismo da Igreja Católica: Gênesis 1,28

*Rodrigo Henrique Schneider<sup>1</sup>*

*Cássio Murilo Dias da Silva<sup>2</sup>*

### **introdução**

Desde a sua promulgação, feita pelo então Papa João Paulo II, o Catecismo da Igreja Católica se espalhou por todo o mundo. Além disso, a grande maioria dos fiéis cristãos já teve contato com ele ou, ao menos, já ouviu falar. Trata-se de uma apresentação fiel e orgânica de toda a Doutrina da Igreja Católica. Seus ensinamentos baseiam-se na Tradição, na Sagrada Escritura e no Magistério.

Passados 26 anos de sua promulgação, o Catecismo já foi, e continua sendo, fonte para inúmeros estudos e publicações, sejam livros ou artigos. Entretanto, percebe-se que em grande parte os estudos que foram feitos não são críticos e sistemáticos quanto ao uso que o Catecismo faz da Sagrada Escritura. Antes, são estudos de sua repercussão, pontos morais, espirituais e doutrinários.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Acadêmico do Curso de Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC/CNPq. e-mail: [rodrigo.henrique@acad.pucrs.br](mailto:rodrigo.henrique@acad.pucrs.br). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2065059366604019>

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Professor de Antigo Testamento no curso de graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9014214314232293>.

Faz-se necessário um estudo sistemático e crítico que o Catecismo faz da Bíblia, pois nele estão citados mais de 3.000 versículos. Estes versículos são citados direta ou indiretamente, parcial ou totalmente, individuais ou um grupo de versículos e utilizados mais de uma vez ou não. Desses versículos, 366 citações são dos livros que compõem o Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio). Para este trabalho, utilizaremos o versículo mais citado do primeiro livro do Pentateuco: Gn 1,28. A pergunta que aqui se quer responder pode ser assim formulada: Qual uso o Catecismo da Igreja Católica faz da Bíblia? Isso implica ver se o Catecismo leva em consideração o que a exegese – especialmente a exegese histórico-crítica – pesquisa e afirma. Para isso, analisaremos três números do Catecismo em que esta passagem é citada.

Convém, porém, iniciar com uma breve história da composição do Catecismo. O desejo de sua criação surge durante uma Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, convocada pelo Papa João Paulo II. O desejo dos Padres Sinodais de um compêndio da doutrina da Igreja Católica torna-se o desejo também do Papa. Assim, é convocada uma comissão especial de cardeais e bispos para a escrita do que viria a ser conhecido como o Catecismo da Igreja Católica.

Posto o pano de fundo histórico, num segundo momento será visto o que alguns exegetas, entre eles Jacques Briand e Jean-Louis Ska, escrevem sobre o versículo de Gn 1,28. Para depois, em um terceiro momento, analisar o uso que o Catecismo faz desse versículo.

## **1 Resgate histórico do catecismo da Igreja Católica**

No ano de 1985, vinte anos após o encerramento do Concílio Vaticano II, o então Papa João Paulo II convocou uma Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos. Estiveram presentes os presidentes de todas as Conferências Episcopais da Igreja. Com um



desejo ardente de não olhar somente para trás e recordar somente o que havia acontecido há vinte anos, mas de olhar também para frente, nasceu a ideia de um novo Catecismo da Igreja.

A Igreja já possuía um Catecismo, o chamado *Catachismus ad Parochos*, mais conhecido como “Catecismo Romano”. Este Catecismo, publicado em 1566, contribuiu “de forma decisiva para a renovação da catequese e a divulgação do espírito do Concílio de Trento” (RATZINGER; SCHÖNBORN, 1997, p. 9). Entretanto, os Padres Sinodais votaram a favor da elaboração de um novo Catecismo, fundamentado no Concílio Vaticano II.

Após a aprovação, o papa convocou, em 10 de julho de 1986, uma “Comissão Especial de Cardeais e Bispos com a tarefa de preparar um ‘Projeto’ do Catecismo ou Compêndio da Doutrina Católica para a Igreja Universal” (NERY, 1993, p. 41). Faziam parte desta comissão doze bispos e cardeais, que nomearam uma equipe de redação composta por sete bispos. Entretanto, a elaboração do novo Catecismo não seria uma tarefa fácil, pois, em sua primeira reunião, a comissão deveria esclarecer alguns pontos, como

tentar esclarecer, em primeiro lugar, o que deveria fazer, pois a tarefa apresentada pelos padres sinodais, e que o papa fizera sua, ficara bastante imprecisa. Deveria ser ‘composto um Catecismo ou um compêndio de toda a doutrina católica, tanto em matéria de fé como de moral’, que pudesse ser ‘ponto de referência para os Catecismos ou compêndios que venham a ser preparados nas diversas regiões’ (RATZINGER; SCHÖNBORN, 1997, p. 13).

Após seis anos de elaboração e nove redações diferentes, o texto final foi aprovado pelo Papa João Paulo II, no dia 25 de junho de 1992. Ele, todavia, determinou que o texto fosse publicado somente no dia 8 de dezembro, data simbólica, pois nesse dia é comemorado o aniversário de encerramento do Concílio Vaticano II.

No que se refere à questão da divisão interna do Catecismo, percebe-se que é a mesma utilizada pelo Catecismo Romano: Credo, Sacramentos, Mandamentos e Oração. Cumpre ainda ressaltar

quem são os destinatários desse Catecismo, que deveria possuir um caráter de universalidade: primeiramente os Bispos; após eles, os redatores de Catecismos das diferentes Conferências Episcopais; por fim, todos os demais membros do Povo de Deus.

Após estas informações genéricas, podemos passar ao tema desta pesquisa, isto é, uma análise da utilização que o Catecismo da Igreja Católica faz dos textos bíblicos e, de modo mais específico, os textos do Pentateuco.

O Catecismo cita um total de 876<sup>3</sup> vezes textos do Antigo Testamento. Destes, 366 são dos textos do Pentateuco: 185 citações do livro do Gênesis, 91 do livro do Êxodo, 13 do livro do Levítico, 10 do livro dos Números e 67 do livro do Deuteronômio. O livro do Pentateuco mais citado, portanto, é o Gênesis. Deste livro, o versículo mais utilizado é Gn 1,28: “Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra’”, num total de sete vezes.

Eis um rápido elenco dos números (parágrafos) em que tal texto aparece, acompanhado das seguintes informações: qual o tipo de citação (direta, indireta ou citação em citação) e qual a relação do parágrafo com o texto bíblico:

- n. 372 – citação direta – fecundidade e multiplicidade;
- n. 373 – citação indireta – submissão da terra;
- n. 1604 – citação direta – bênção, fecundidade, multiplicidade e submissão da terra;
- n. 1607 – citação indireta – fecundidade, multiplicidade e submissão da terra;
- n. 1652 – citação em citação – fecundidade e multiplicidade;
- n. 2331 – citação em citação – fecundidade e multiplicidade;
- n. 2427 – citação indireta – submissão da terra;

---

<sup>3</sup> Os números são provenientes de um levantamento feito a partir do Índice das Citações da Sagrada Escritura presente no Catecismo. Ainda, os números apresentados contam com as repetições de citações de um mesmo versículo bíblico.

Há ainda, uma citação no número 2415, que não utiliza somente o v. 28, mas todo o conjunto dos vv. 28-31. Trata-se de uma citação indireta, que faz referência à dominação dos animais. Com isso, dando continuidade ao que é proposto para este artigo, será explanado o que a Exegese Bíblica atual fala acerca desta passagem.

## **2 A interpretação exegética de Gn 1,28**

O estudo do livro do Gênesis atraiu e continua atraindo a atenção de diversos exegetas, como Henning Bernhard Witter, Jean Astruc, Jan P. Fokkelman, Julius Wellhausen e Jean-Louis Ska. A atual redação de Gênesis contém material proveniente de três tradições (ou fontes): javista, sacerdotal e eloísta, respectivamente simbolizadas por J, P e E.

Em seu livro *O Pentateuco: introdução aos cinco primeiros livros da Bíblia*, o exegeta Félix López afirma que “o livro do Gênesis está integrado sobretudo por narrativas e genealogias” (LÓPEZ, 2006, p. 58). Afirma ainda que o livro do Gênesis é constituído principalmente pelas fórmulas das *toledôt*. Essa denominação procede do verbo *yalad*, que significa “gerar” e, assim, as *toledôt* referem-se ao descendentes. Elas aparecem num total de dez vezes ao longo do Gênesis.

Em Gn 1,28, o Deus presente no livro do Gênesis é o “*Deus da benção e da promessa*” (LÓPEZ, 2006, p. 62). Ambas as características apresentam-se como temas teológicos que são chave no livro. A benção que Deus concede ao primeiro casal torna-se fundamental para todo o gênero humano. Assim em Gn 5, texto em que a *toledôt* faz referência à transmissão da benção e da imagem divina dos pais aos filhos, desde Adão até Noé.

O exegeta Jacques Briend em seu livro *Uma leitura do Pentateuco* afirma que a passagem de Gn 1,28 é chave para a compreensão da tradição sacerdotal presente no livro do Gênesis. Assim, escreve que

A forma imperativa dos verbos não significa que eles sejam mais ordens do que autorizações que habilitam os povos a crer e a agir em vista do futuro. Esses verbos expõem a vontade fundamental de Deus que não pode tornar-se vã pelas circunstâncias, mesmo pela circunstância histórica que é o exílio. Com sua declaração, Deus reivindica a soberania sobre a criação, que ele acaba de chamar à existência, tirando-a do caos (BRIEND, 1980, p. 78).

Com isso, os verbos são ações que são contrárias à situação do povo de Israel exilado: “reproduzi-vos” é contrário a ser estéril; “multiplicai-vos” é contrário a não possuir herdeiros; “povoi a terra” é contrário a ser desapossado; “submeteia” é o contrário de ser escravo e “dominai” é contrário a ser dominado (Cf. BRIEND, 1980, p. 78).

Na obra *O Canteiro do Pentateuco*, o estudioso Jean-Louis Ska não trata diretamente sobre o versículo de Gn 1,28, mas escreve sobre os versículos de Gn 1,26-27, clareando o texto que depois segue. No versículo estudado neste trabalho, Deus fala com o primeiro casal, criado de uma forma diferente do resto do mundo. Segundo a Sagrada Escritura, Deus criou o homem no sexto dia, depois de todos os outros seres vivos, bem como as plantas, a terra e a luz. Ska destaca uma diferença entre a criação do gênero humano e a criação dos seres vivos. Essa diferença consiste em que “todas as espécies de plantas e de animais, seja peixes, aves ou animais terrestres, são, de fato, criadas ‘segundo a sua espécie’. O gênero humano, ao contrário, não é criado ‘segundo diversas espécies’, mas ‘à nossa imagem, segundo a nossa semelhança’ (Gn 1,26)” (SKA, 2016, p. 62).

Com isso, Deus fala com um homem que é uno, pois todo o homem é criado do mesmo modo. Portanto, para Ska, o primeiro capítulo do livro do Gênesis afirma que não há qualquer diferença entre os homens, seja racial e étnica, ou entre homem e mulher.

Já no livro *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*, o autor Christoph Uehlinger afirma que o primeiro capítulo do

Gênesis concede ao gênero humano “um certo poder sobre a terra e sobre os animais (o *dominium terrae*), que se entenderá a partir das condições de uma época em que a humanidade estava longe de poder aniquilar as espécies e biótipos. Nota-se que esse poder será delegado ao homem em sua condição de ser criado ‘à imagem de Deus’ (1,26) [...]” (RÖMER; MACCHI; NIHAN, 2010, p. 164). Esta delegação de Deus ao homem não consiste na capacidade intelectual, mas na responsabilidade e como um representante.

Outras interpretações da exegese histórico-crítica afirmam que a benção de Deus é igual à fecundidade. Para Israel, a fecundidade como benção de Deus é a responsável pela transmissão através das gerações da imagem de Deus. Dois verbos hebraicos estão ligados ao conceito de “submeter a terra”: *radah* e *kabash*. Em sentido próprio, *radah* significa “pisar”; em sentido figurado, significa “subjugar”. O segundo verbo *kabash*, no passivo significa uma terra já submetida. Por conseguinte, o homem, como representante de Deus, possui a função de governar. Entretanto, isso não significa um governo autoritário e arbitrário, mas de forma responsável, tendo como norma o modo como Deus exerce sua soberania.

### 3 Análise do catecismo a partir da exegese

Como já visto, o Catecismo da Igreja Católica utiliza sete vezes o texto de Gn 1,28, em citações diretas, indiretas ou em citações dentro de outra citação. Retomando, pois, ao que é proposto para este artigo, serão analisados agora os números 372, 1604, 1607 e 2415 (que não utiliza somente o versículo 28, mas faz referência a ele).

O número 372 afirma:

O homem e a mulher são feitos ‘um para o outro’: não que Deus os tivesse feito apenas ‘pela metade’ e ‘incompletos’. Ele os criou para uma comunhão de pessoas, na qual cada um pode ser

‘ajuda’ para o outro, por serem, ao mesmo tempo, iguais como pessoas (‘osso de meus ossos...’) e complementares como masculino e feminino. No matrimônio, Deus os une de maneira que, formando ‘uma só carne’ (Gn 2,24), possam transmitir a vida humana: ‘Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra’ (Gn 1, 28). Ao transmitir a seus descendentes a vida humana, o homem e a mulher, como esposos e pais, cooperam de forma única na obra do Criador (CEC n. 372).

Este número se encontra na primeira parte do Catecismo, que trata da Profissão de Fé. Nele, é utilizada a primeira parte do versículo para demonstrar que, desde a sua criação, o homem e a mulher foram feitos para unirem-se. Como resultado dessa união, devem surgir os filhos, sinais da bênção de Deus e da fecundidade. Segundo a exegese, no versículo estudado, a fecundidade significa a transmissão da imagem de Deus para todas as gerações, enquanto que o documento interpreta como uma cooperação na obra de Deus. Mesmo assim, o número 372 e a exegese não divergem.

Outro parágrafo do Catecismo, o número 1604, encontra-se no artigo sete, na segunda parte, que trata da Celebração do Mistério Cristão:

Deus, que criou o homem por amor, também o chamou para o amor, vocação fundamental e inata de todo ser humano, pois o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, que é Amor. Tendo-os Deus criado homem e mulher, seu amor mútuo se torna uma imagem do amor absoluto e indefectível de Deus pelo homem. Esse amor é bom, muito bom, aos olhos do Criador, que ‘é amor’ (1Jo 4,8-16). Esse amor abençoado por Deus é destinado a ser fecundo e a se realizar na obra comum de preservação da criação: ‘Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a’ (Gn 1,28) (CEC n. 1604).

Aqui, Gn 1,28 é utilizado para demonstrar que o matrimônio se encontra na ordem da criação. Com isso, ao longo do n. 1604, o amor mútuo entre homem e mulher aparece como imagem do amor de Deus. Este amor é abençoado por Deus e deve ser fecundo e se

realizar também na preservação da criação. O versículo bíblico é citado de forma direta, mas não de forma completa, e sim apenas a primeira parte. Com isso, analisando a explicação dada para depois utilizar uma parte do versículo com aquilo que a exegese traz, percebe-se que o Catecismo faz um bom uso da passagem. Com efeito, a benção de Deus está ligada à fecundidade e isso deve ocorrer preservando a criação, ou seja, governando como Deus a governaria.

O versículo aqui tomado como exemplo volta a ser citado, desta vez de forma indireta, no número 1607:

Segundo a fé, essa desordem, que dolorosamente constatamos, não vem da natureza do homem e da mulher, nem da natureza de suas relações, mas do pecado. Tem sido uma ruptura com Deus, o primeiro pecado tem, como primeira consequência, a ruptura da comunhão original do homem e da mulher. Suas relações começam a ser deformadas por acusações recíprocas. Sua atração mútua, dom do próprio Criador, transforma-se em relações de dominação e de cobiça. A bela vocação do homem e da mulher para serem fecundos, multiplicarem-se e sujeitarem a terra é onerada pelas dores de parto e pelo suor do ganha-pão (CEC n. 1607).

Esse parágrafo também se encontra na segunda parte, mas em um tópico que fala do casamento sob o regime do pecado. O Catecismo ensina que o amor entre os esposos, que deve ser fecundo, vem desde o primeiro casal. Entretanto, o pecado, que também entra no gênero humano por Adão e Eva, corrompe o que fora proposto por Deus na criação. Analisando à luz da exegese, tal citação não busca explicar o versículo, mas está posto para ratificar o ensinamento que consta no documento.

O quarto número para análise é o 1415. Ele se encontra na terceira parte, que trata da vida em Cristo. Gn 1,28 é utilizado na explanação sobre o sétimo mandamento: “Não roubarás” (Mt 19,18), principalmente tratando do respeito pela integridade da criação. Está assim no Catecismo:

O sétimo mandamento manda respeitar a integridade da criação. Os animais, como as plantas e os seres inanimados, estão naturalmente destinados ao bem comum da humanidade passada, presente e futura. O uso dos recursos minerais, vegetais e animais do universo não pode ser separado do respeito às exigências morais. O domínio dado pelo Criador ao homem sobre os seres inanimados e os seres vivos não é absoluto; é medido por meio da preocupação pela qualidade de vida do próximo, inclusive das gerações futuras; exige religioso respeito pela integridade da criação (CEC n.2415).

Trata-se de uma citação indireta que não utiliza somente o v. 28, mas o conjunto dos vv. 28-31. É interessante notar que neste número o Catecismo utiliza todo o versículo, mas faz referência principalmente à última parte, para demonstrar como o homem deve se relacionar com toda a criação, desde os seres animados até os inanimados, para deixar claro que o domínio recebido de Deus sobre a criação não é absoluto e não deve ser separado das exigências morais. Conclui-se, portanto, que há uma relação positiva entre a exegese e o número do Catecismo.

### **Considerações finais**

O Catecismo da Igreja Católica se apresenta como uma fonte fecunda para estudos. É fonte de estudos de doutrina, dogmas e ensinamentos. Entretanto, dificilmente estuda-se como esse documento se serve do texto bíblico. Dessa forma, devido à sua importância para o povo cristão, o presente artigo buscou analisar como o Catecismo utiliza o texto de Gn 1,28, buscando compreender se ele aproveita o que a exegese histórico-crítica tem a oferecer.

Para isso, primeiramente viu-se como ocorreu a criação do Catecismo. Ele surge de um desejo dos Padres Sinodais reunidos na Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos convocada pelo Papa João Paulo II. O Catecismo tornou-se também o desejo do Papa, que em 1986 convocou uma Comissão Especial de Cardeais e Bispos para presidirem o trabalho. Foram necessários seis anos e um total



de nove textos até a aprovação final. Assim, em 8 de dezembro de 1992 – data de comemoração do encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II – foi entregue a todo o povo cristão um novo Catecismo da Igreja Católica.

Após o resgate histórico, buscou-se o que alguns exegetas afirmam sobre o texto de Gn 1,28. Entre eles estão Jacques Briend, Félix García López e Jean-Louis Ska. De maneira geral, os exegetas afirmam principalmente que o mandato de Deus ao homem de dominar a terra não deve ser de forma autoritária, mas tomando como modelo a ação do próprio Deus. Mais ainda, a benção divina é sinal para a união entre o homem e mulher serem fecundo e multiplicarem-se.

De maneira geral, não há grandes discrepâncias entre os números 372, 1604, 1607 e 2415 do Catecismo e o que é proposto pela exegese. Entretanto, percebe-se que o Catecismo tem dificuldade para aproveitar de inúmeras interpretações propostas pelas ciências bíblicas. Sem dúvida, não cabe ao Catecismo discutir questões caras à exegese e à teologia bíblica, como as tradições e as fontes do Pentateuco, o contexto histórico-social em que os textos foram redigidos, as diferentes teologias amalgamadas no mesmo relato etc. Mesmo assim, o Catecismo poderia ir mais além e não se deter no nível imediato do texto.

Tais percepções serão explicitadas e aprofundadas ao longo da pesquisa. Por ora, todavia, vale ressaltar que o estudo proposto não visa julgar e desqualificar o Catecismo, mas ser um ponto de partida para o diálogo e a ajuda mútua entre a teologia e a exegese, para que, assim, ambas as ciências possam caminhar e ajudar todo o Povo de Deus.

## Referências

BRIEND, Jacques. *Uma leitura do Pentateuco*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1980.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

LÓPEZ, Félix García. *O Pentateuco: introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia*. Trad. Alceu Luiz Orso. 2. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006. Coleção: Introdução ao estudo da Bíblia; 3b.

NERY, Irmão. *O Novo Catecismo e a História dos Catecismos*. Petrópolis: Vozes, 1993.

RATZINGER, Joseph; SCHÖNBORN, Christoph. *Breve Introdução ao Catecismo da Igreja Católica*. Aparecida: Editora Santuário, 1997.

RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. Trad. Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SKA, Jean-Louis. *O Canteiro do Pentateuco*. Trad. Jaime A. Clasen e Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2016.